



Irmão Henrique Justo: Um pioneiro da psicologia humanista no Brasil

Brother Henrique Justo: a pioneer of the humanistic psychology in Brazil

Francisco Silva Cavalcante Junior

Átila Montenegro

Universidade de Fortaleza

Brasil

Resumo

Este trabalho trata-se de um relato de experiência profissional e é fruto de uma visita do Prof. Dr. Irmão Henrique Justo a Fortaleza, integrando a mesa redonda intitulada *Histórias da História da Psicologia Humanista no Brasil* promovida pelo Laboratório RELUS do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza. Da sua comunicação traçamos seu percurso como o pioneiro da Psicologia Humanista no Brasil: desde informações sobre sua formação profissional até um pouco de sua trajetória na Psicologia, principalmente no tocante ao seu encontro com Carl Rogers e com a Abordagem Centrada na Pessoa. Para tanto, valemo-nos de sua própria perspectiva, mantendo a fidedignidade de seus relatos e o seu tom experiencial. O contato com o Ir. Henrique Justo foi de muito aprendizado para os autores deste texto, o que nos motivou a continuar escrevendo as histórias da história da Psicologia Humanista no Brasil.

Palavras-chave: Henrique Justo; psicologia humanista no Brasil; abordagem centrada na pessoa.

Abstract

This paper is the report of a professional experience which is based on one visit of Brother Henrique Justo to the town of Fortaleza as a guest invited for the roundtable entitled *Histories of the History of the Humanistic Psychology* organized by the RELUS Laboratory of the Graduate Program in Psychology at the University of Fortaleza. From the words spoken by Brother Henrique Justo we outlined his life trajectory as a pioneer of Humanistic Psychology in Brazil, presenting his professional training and some of his trajectory in Psychology, especially his meeting with Carl Rogers and the Person-Centered Approach. Therefore, this paper is based on his own perspective, and aims at being loyal to his speech and experiential tone. The contact with Brother Henrique Justo was of a high learning value to the authors of this paper which encouraged us to keep writing the stories of the history of Humanistic Psychology in Brazil.

Keywords: history of psychology; humanistic psychology in Brazil; person-centered approach.

Este trabalho (1) trata-se de um relato de experiência profissional e é fruto de uma visita do Prof. Dr. Irmão Henrique Justo a Fortaleza, a convite da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade – RELUS (2). Ir. Henrique Justo presenteou-nos com algumas conversas informais e com uma comunicação, pelo fato de ter sido participante da mesa redonda intitulada *Histórias da História da Psicologia da Humanista no Brasil*, integrante do projeto *Histórias da História da Psicologia Humanista* (3) (Cavalcante Jr. & Sousa, 2007). Esse evento ocorreu no dia 10 de julho de 2006, na Universidade de Fortaleza – Unifor. A mesa redonda contou também com a presença da Profa. Dra. Maria Gercileni Campos de Araújo, da Profa. Dra. Virginia Moreira e do Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D. Os quatro, juntos, representaram quatro gerações da Psicologia Humanista no Brasil, contando suas histórias de vida e narrando suas experiências, que, invariavelmente, perpassam pela Psicologia Humanista e pela Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) concebida por Carl Rogers. O material que segue abaixo foi extraído de sua única comunicação, proferida no evento citado acima, capturada em vídeo, e de uma entrevista (Gross & Graziottin, 2002) encontrada em pesquisa bibliográfica. Algumas informações



foram apreendidas, também, de conversas informais que Ir. Henrique Justo teve com os autores deste trabalho ao longo de sua estadia em Fortaleza. Todas as falas literais que não são seguidas pela indicação de referência bibliográfica foram extraídas da comunicação proferida pelo Ir. Henrique Justo. O objetivo deste trabalho não é um aprofundamento histórico nem tampouco teórico sobre a Psicologia Humanista ou sobre a Abordagem Centrada na Pessoa. Nosso intuito é apenas o de apresentar um recorte de histórias da história do surgimento da Psicologia Humanista no Brasil sob a perspectiva de um de seus pioneiros e narrador, o Ir. Henrique Justo. Alguns fatos históricos importantes são apresentados de maneira incompleta e superficial porque assim o quis Ir. Justo, ou porque os detalhes escaparam-lhe da memória. Assim, valemo-nos da fidedignidade de sua narrativa livre e de seu tom experiencial para fazer deste trabalho algo rico e relevante para o leitor interessado em conhecer um fragmento dessa história. Ir. Henrique Justo, cujo nome civil é José Arvedo Flach, nasceu em 25 de julho de 1922, no município de Montenegro, no Rio Grande do Sul. Após o primário, ingressou, em 1934, no internato do Instituto São José (atual La Salle) de Canoas/RS, onde seguiu até diplomar-se na Escola Normal La Salle. Em 1939, tornou-se lassalista, adotando o nome de Irmão Henrique Justo, pelo qual é conhecido. Em 1944, ingressou na Faculdade de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), licenciando-se em 1948. Ir. Justo optou pela Pedagogia, como ele mesmo diz, “porque lá não havia curso de Psicologia, não havia lei que regulamentasse curso de Psicologia, então, só em 62, a lei – que ainda está em vigor –, permitiu a criação dos cursos de Psicologia”. No mesmo ano em que se graduou, passou a dar aulas no Curso de Pedagogia da PUC-RS, substituindo o professor Victor de Brito Velho (4) na cadeira de Psicologia do curso de Pedagogia da mesma Universidade. Conscioso na preparação das aulas, afinal, como mesmo diz, “tinha que ser justo com os estudantes”, apoiou-se em obras de Emílio Mira y López (1896 - 1964), de Arthur Ramos (1903 - 1949), de Édouard Claparède (1873 - 1940), de Anne Anastasi (1908 - 2001), de Ernst Kretschmer (1888 - 1964), em obras de Willian H. Sheldon (1898 - 1977), nos *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* – surgidos no fim dos anos 40 –, na *Revista Nacional de Estudos Pedagógicos*, na *Revista Belga de Pedagogia*, em Henri Wallon (1869 - 1962) e em Henri Piéron (1881 - 1964) – os dois últimos, cardeais da Psicologia Experimental, chegou a conhecer no Congresso Internacional em Bruxelas, em 1957. Obteve, também, material do curso de pedagogia da Universidade de Montréal. Em 1952, doutorou-se em Pedagogia na PUC-RS, sendo sua a primeira tese de doutorado defendida na referida Universidade. Lá, ensinou até 1993, tendo, portanto, 45 anos dedicados ao magistério na PUC-RS.

Como a formação e a profissão de psicólogo ainda não existiam na década de 50, a PUC-RS deu início a essa formação em nível de pós-graduação, respeitando as leis existentes. Assim, a formação iniciou-se com a primeira turma em 1954, com candidatos diplomados em cursos em que havia certo número de créditos de psicologia, como filosofia, pedagogia e educação física. Houve encontro na Universidade do Brasil para assegurar certa uniformidade no currículo, com o objetivo de facilitar ulterior aprovação. Após a lei de 1962, certo número de colegas seus, formados em nível de pós-graduação na PUC-RS, teve que completar os estudos com algumas disciplinas mais, a fim de obter o registro de psicólogo. Ir. Justo era, simultaneamente, estudante e professor do teste projetivo das Pirâmides de Cores, que ele havia adaptado ao Brasil. Esses cursos pelo Brasil afora, sobretudo na PUC-RS, interessaram-se pela criação da profissão de psicólogo no país, o que, como se sabe, não demorou.

Seus estudos em Psicologia, além da bibliografia estudada na disciplina que lecionava, iniciaram-se a partir dos cursos ministrados na PUC-RS, em 1953, pelo psicólogo e psicanalista romeno Bela Szekely, que, na época, morava na Argentina. Naquele tempo, a Psicanálise era uma atividade médica e os psicoterapeutas não psiquiatras eram malvistas. Seu primeiro contato com a Psicologia de Carl Rogers deu-se há 52 anos, em 1956, quando teve a oportunidade de ler o livro escrito por um padre Franciscano chamado Roberto Zavalloni: *Educação e Personalidade* (1956). Sobre isso, Ir. Justo comenta: “em 56 descobri o livrinho do Zavalloni, com tradução brasileira pela Vozes.



Tinha uma modesta apresentação e um capítulo sobre Carl Rogers, e aí me abriu o horizonte". Assim, interessou-se por adquirir obras de Carl Rogers, fazendo-as vir dos Estados Unidos: *On Becoming a Person (Tornar-se Pessoa)* (1961), *Client-Centered Therapy (Terapia Centrada no Cliente)* (1951) e, mais tarde, *Freedom to Learn (Liberdade para Aprender)* (1969). Ao lado de Roberto Zavalloni, dois outros autores ajudaram-no a encontrar a linha humanista: Viktor Frankl (1905 - 1997), do qual leu um livro em Barcelona (5), e Igor Caruso (de Viena), psicólogo com formação em filosofia na Universidade de Louvain, na Bélgica, do qual leu o livro *Análise Psíquica e Síntese Existencial*. O título deste último livro indica sua base filosófica. No curso de Pedagogia da PUC-RS, constavam as disciplinas de filosofia e de filosofia da educação. Na primeira, teve aulas, entre outros conteúdos, sobre existencialismo, facilitando a compreensão da obra de Igor Caruso.

No trabalho com atendimento a pessoas, Ir. Justo já era orientador educacional: procurou aplicar a nova forma de ajudar os clientes. Segundo ele, "os bons resultados me entusiasmaram com a teoria. Devido ao monopólio psicanalítico reinante, não ousei declarar abertamente que eu seguia Carl Rogers. Por isso, a estranheza de alguns acadêmicos por eu ter 'linguajar' (realmente, *enfoque*) diferente dos meus colegas professores".

Ir. Justo estava insatisfeito com o enfoque psicanalítico que o formou, pois, embora tivesse tido ótimos professores e encontrado uma consistente fundamentação teórica na referida abordagem, sentia falta de algo que fosse além da Psicanálise, algo que fizesse sentido para ele como pessoa. Dessa forma, afirma que saiu do curso de Psicologia do Bela Szekely "com a convicção de que só havia psicanálise no mundo, ninguém falava de outra coisa". Apesar disso, confessa: "Hoje, me admiro do fato de que o Professor de Psicanálise já nos colocasse à disposição entrevistas gravadas, deletando os dados de identificação. Ademais, ele seguia a escola de Chicago, mais flexível, sendo dois volumes de Alexander a base de estudo". Em 1956 ganhou uma bolsa de estudos e partiu para Barcelona, onde realizou um curso de especialização em Psicologia Aplicada e Psicotécnica, que terminou no ano seguinte.

Seu primeiro contato prático com a Abordagem Centrada na Pessoa veio com o curso de Psicologia Clínica realizado em Paris, em 1966 e 1967. O curso foi ministrado por estagiários de Carl Rogers – um aprendizado riquíssimo, acredita ele. De Paris, trouxe, além de outros livros (sobretudo de André de Peretti e outros autores franceses e belgas), os dois volumes de Carl Rogers, mais tarde traduzidos com o título *Psicoterapia e Relações Humanas* (1977). Ir. Justo comenta como se sentiu após este curso, quando voltou para a PUC-RS: "Em 66 e 67, quando fiz curso de especialização em Paris com estagiários de Carl Rogers, aí sim criei coragem: quando voltei para a PUC, em 68, toquei o trombone". Começou a aplicar o ensino-aprendizagem centrado no aluno, a terapia centrada no cliente, e os grupos de encontro (os quais, depois, preferiu chamar "grupos de crescimento"). Choveram convites para expor essa visão humanista em Universidades (PUC-RS, UFRGS), em Centros de Psicoterapia; em escolas, sobre aprendizagem centrada no aluno; e até no prestigiado Instituto de Educação (centro de formação de professoras), Escola Normal 1 de Maio. Alunas suas, acadêmicas de Psicologia e de Pedagogia, foram divulgadoras da novidade. Ir. Justo conta que "na Secretaria de Educação do Estado, pediram-me para facilitar um Grupo de Crescimento durante um ano (extensivo, isto é, duas horas semanais, como experienciei em Paris). Com público eclético, ofereci grupos intensivos em fins de semana: desde sexta à noite ou sábado de manhã até domingo à tarde, com sessões durante toda a manhã, tarde e noite, somente interrompidas para as refeições. Houve turmas que não quiseram interrupção à meia manhã e à meia tarde para um *coffee break*. Os comes e bebes eram colocados em mesinhas no centro do círculo, com os participantes servindo-se quando quisessem. Para várias turmas de estudantes de psiquiatria da Fundação Faculdade de Medicina de Porto Alegre expus teoria e prática da ACP. A mudança de diretor interrompeu o convite".

Ir. Justo conta que, certa vez, ao fim do semestre, instruiu que os alunos fizessem uma avaliação da disciplina, e um aluno escreveu: "esse semestre foi pra mim perda de tempo e de dinheiro nessa disciplina". Ele comenta que os alunos assinavam o papel e



isso se dava devido ao grau de liberdade que conseguia dar a eles na sala de aula. Então, ele respondeu ao aluno: "Parabéns, só essa sua conquista de liberdade a partir dessas duas linhas assinadas já valeu mais do que qualquer aprendizado intelectual durante o semestre". Eram os reflexos do Ensino Centrado no Estudante, de Carl Rogers, que Ir. Justo punha em prática na sua atuação no magistério. Sobre o magistério nesse ano, Ir. Justo afirma: "A apostila que, nesse ano, preparei (mimeografada e apresentada em forma de livro, tamanho A4) foi impressa, em 1973, com o título *Carl Rogers: Teoria da personalidade e aprendizagem centrada no aluno*, título que mudei mais adiante para *Cresça e Faça Crescer – Lições de um dos maiores psicólogos: Carl Rogers* (2002). Hoje tenho dúvidas se a alteração foi acertada". Nos anos 70, publicou, igualmente, *Somos Diferentes* (1979), conteúdo das aulas que dava nos cursos de Pedagogia e Psicologia. A 3ª edição, pela Editora Vozes, leva o título de *Você também é diferente* (1997).

Sedento por mais conhecimento da Abordagem Centrada na Pessoa, realizou um curso de verão em Psicoterapia Centrada na Pessoa no Centro de Estudos de La Jolla, Califórnia, EUA, em 1976. Lá, juntamente com outros dois brasileiros, Paulo Helrighel e Eduardo Bandeira, teve a oportunidade de conhecer e de ter contato direto com Carl Rogers, além de outros grandes nomes da ACP, integrantes da equipe de Carl Rogers, como, por exemplo, John Keith Wood (1934 - 2004). Discorrendo sobre suas impressões no seu primeiro contato pessoal com Carl Rogers, Ir. Justo comenta: "em La Jolla, vi em Carl Rogers, mais do que tudo, um homem de escuta". O Ir. Justo foi um dos responsáveis pela vinda de Rogers para o Brasil, no ano seguinte, participando – na fecunda solidão de Arcozelo, no Rio de Janeiro – como co-facilitador nas atividades, durante as três semanas nas quais Rogers aqui esteve, juntamente com outros quatro membros de sua equipe. As atividades contavam com mais de 200 pessoas e Ir. Justo, juntamente com Eduardo Bandeira, fez com que tudo saísse bem na organização. Ao final das atividades, Rogers abriu mão de seus honorários, afirmando ter aprendido tanto na sua visita ao Brasil que seria injusto aceitar alguma remuneração. E sobre suas impressões sobre Carl Rogers, na sua visita ao Brasil, Ir. Justo comenta que o que mais lhe chamou atenção foi a simplicidade, o espírito de observação e a empatia dele. Nas palavras de Ir. Justo: "todo tempo, um homem fabulosamente simples, acolhedor. Notava-se que ele pensava e repensava muito a questão da pessoa" (Gross & Graziottin, 2002, p. 2).

Ir. Justo confessa que o que mais o atraiu para a ACP foi a liberdade, estimulada pela visão de Carl Rogers, de que a pessoa tem que tomar a sua vida na mão, ao contrário do que ele havia aprendido nos outros cursos de Psicologia, de que deveria dirigir e interpretar a vida do outro, entrando nela e travando uma disputa na qual quem sabia mais era o melhor e o mais profissional. Ele conta também que, naquela época, nos EUA, já havia uma tendência a se falar de experiência. Carl Rogers não a inventou. E Rogers mesmo disse que não queria que a sua psicologia fosse chamada de rogeriana. Segundo Ir. Justo, Rogers, quando estava no Brasil, afirmou para uma mulher que se disse rogeriana que rogeriano só havia um: ele. As pessoas até poderiam se afiliar ao seu pensamento teórico e às suas concepções, mas que desenvolvessem cada um ao seu modo, a partir do seu jeito de ser.

Outra aprendizagem considerada riquíssima que Ir. Justo teve com Rogers foi a idéia de que a pessoa pode ser extremamente má e destrutiva, mas que ela se torna boa, rumo à positividade, desde que lhe sejam oferecidas as condições favoráveis e necessárias. E ele exemplifica: "eu participei de uma banca de doutorado da USP de uma senhora cujo título da tese era *A recuperação de presidiários através da terapia, do teatro e da profissão*, e ela, na sua pesquisa, encarava o preso como uma pessoa, e eles sentem isso; eles se sentem rejeitados pela sociedade. Assim, ela oferecia condições para eles poderem sentir-se gente, sentir-se pessoa, e não só criminosos". Ir. Justo, ainda sobre isso, fala de como o terapeuta facilita o processo da pessoa tomar as rédeas de sua própria vida, afirmando que a postura do terapeuta é

aparentemente passiva, mas supõe da parte do terapeuta um grande dinamismo para acompanhar o que se passa na pessoa. Ajudar a pessoa com presença



facilitadora, tanto através da atitude quanto pela fala, para ativar dentro dela o potencial que possui, tornando-lhe possível reagir e agir não é algo artificial, um crescimento artificial. O crescimento é natural. E tudo faz parte de um processo. A pessoa cresce como um todo. Não se busca assim, como a maior parte dos terapeutas, um alívio, a “cura” de um aspecto ou queixa da pessoa: a ACP está mais preocupada com o total da pessoa, da pessoa como um todo. Se ela cresce como pessoa, como personalidade, enfrentará tanto a dificuldade pela qual ela nos procurou como outros problemas, gerando um processo. Isso é o mais importante. Não há necessidade nem se deve ter um fim pré-determinado e nem é preciso eternizar o atendimento, criando dependência da pessoa com relação ao terapeuta (Gross & Graziottin, 2002, p. 4).

Ir. Justo discorre, ao seu modo, sobre um dos preceitos básicos da ACP:

Nós nascemos bichinhos e nos tornamos pessoa. Quando a gente é bebê, a gente mama, chora, dorme, faz xixi, cocô e só. E há essa idéia notável que teve Sartre naquele seu livro *O existencialismo também é um humanismo*, que disse que na pessoa ‘a existência precede a essência’, pois nós existimos antes de nos tornarmos pessoa. Nós não surgimos pessoa, nós nos tornamos pessoa. Acho que o grande desafio da vida é não parar. Eu tenho 84 anos, mas eu continuo empolgado pela vida, por ter contatos, por ser útil para alguém, acho que até mais do que quando eu tinha 50 ou 60 anos, porque é a maior riqueza, e às vezes não se aproveita. (Gross & Graziottin, 2002, p. 4).

Autor de várias obras, publicou, como já dito anteriormente, em 1973, o primeiro livro no Brasil sobre Carl Rogers, intitulado *Cresça e Faça Crescer – Lições de um dos maiores psicólogos: Carl Rogers* (2002), que hoje já está em sua 7ª edição. Em 2002, lançou *Abordagem Centrada na Pessoa: consensos e dissensos* e, em 2003, lançou um manuscrito de 60 páginas intitulado *Aprendizagem Centrada no Aluno*. Foi um dos fundadores e, posteriormente, diretor do curso de Psicologia da PUC-RS, no período de 1976 a 1981. Durante esse período, conseguiu a aprovação para ampliar o leque das teorias de psicologia oferecidas, entre elas a ACP, que foi incluída não somente entre as psicoterapias, mas também nas teorias de personalidade e de aprendizagem. Pessoalmente, atendia aos estagiários que optassem por essa modalidade de terapia. Para demonstração, dispunha-se a fazer o papel de terapeuta com algum deles que se oferecesse como cliente. Depois, em duplas, realizavam sessões de atendimento, gravadas e, posteriormente, analisadas. Desde 1968, somente utilizava a metodologia de Carl Rogers da aprendizagem centrada no aluno. Os depoimentos dos acadêmicos contribuíram para a fácil aceitação da visão humanista na sala de aula do Ensino Superior.

Atualmente, Ir. Justo é o coordenador e um dos professores do curso de Pós-Graduação em Abordagem Centrada na Pessoa, no Centro Universitário La Salle, em Canoas (RS). E assim o é aos 86 anos: um pioneiro da Psicologia Humanista no Brasil. Como ele mesmo afirma, é “pessoa, cada vez mais pessoa”. E é pessoa simples, cheio de autenticidade e de vivacidade. Tornou-se a própria história, pois viveu e ainda a vive toda. À Psicologia e aos psicólogos do Brasil resta apenas ficarem agradecidos pela existência de Ir. Henrique Justo.

Para os autores deste trabalho foi uma experiência riquíssima fazer parte de um profundo e verdadeiro encontro com a pessoa de Ir. Henrique Justo, que, com sua presença e congruência, encanta-nos. Sua narrativa, histórica e experiencial, proporcionou-nos



muito aprendizado e motivou-nos a continuar escrevendo as histórias da história da Psicologia Humanista no Brasil.

Referências

- Cavalcante Jr., F. S. & Sousa, A. F. (2007). Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercileni Campos. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 423-427.
- Gross, C. M. & Graziottin, T. C. (2002). Entrevista com Irmão Henrique Justo. *Humanitas Journal*, Numero e ano?marco-abril, 1-7.
- Justo, H. (1979). *Somos diferentes: aspectos da psicologia diferencial*. 2. ed. Porto Alegre: Livraria Santo Antonio.
- Justo, H. (1997). *Você também é diferente*. Petrópolis: Vozes.
- Justo, H. (2002). *Cresça e faça crescer: lições de um dos maiores psicólogos - Carl Rogers*. 7. ed. Canoas: Editora La Salle.
- Rogers, C. (1951). *Client-centered therapy*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C. (1961). *On becoming a person*. Boston: Houghton Mifflin.
- Rogers, C. (1969). *Freedom to learn*. Columbus: Charles E. Merrill.
- Rogers, C. & Kinget, G. M. (1977). *Psicoterapia e relações humanas* (M. L. Bizzotto, trad.). 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros. (Original de 1959).
- Zavalloni, R. (1956). *Educação e personalidade* (G. A. Buzzi, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original de 1955).

Notas

- (1) Agradecemos, especialmente, ao Irmão Henrique Justo, por nos presentear com sua presença em Fortaleza, proporcionando-nos tanto aprendizado e nos permitindo coletar essa riquíssima parte da história da Psicologia Humanista no Brasil, com os relatos de suas experiências de vida.
- (2) RELUS (Rede Lusófona de Estudos da Felicidade) é um laboratório de pesquisa, de ensino e de extensão, coordenado pelo Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D., vinculado à linha de pesquisa Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR –, que objetiva congrega pesquisadores e estudantes de países e de regiões que falam Português (além do Brasil, Portugal, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau, Timor Leste, Goa, Macau, Galícia, entre outros) para promover estudos e práticas da felicidade aplicada à construção de uma cultura de sustentabilidade e de bem-estar coletivos.
- (3) Na época do evento, a Rede Lusófona de Estudos da Felicidade ainda não era considerado um laboratório, mas um grupo de pesquisa vinculado ao Laboratório de Psico(pato)logia Crítica Cultural, também inserido no Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR –, coordenado pela Profa. Dra. Virginia Moreira e pelo Prof. Francisco Silva Cavalcante Junior, Ph.D., responsáveis pela realização desse projeto.
- (4) Victor de Brito Velho
- (5) Ir. Justo não especificou, em sua comunicação, qual obra de Vitor Frankl foi lida por ele em Barcelona.



Nota sobre os autores

Francisco Silva Cavalcante Junior é psicólogo, Mestre em Educação Especial e Ph.D. em Leitura e Escrita pela *University of New Hampshire*, EUA. Professor titular do Mestrado em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR e Coordenador da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade – RELUS. Contacto: Mestrado em Psicologia, sala N 13, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Av. Washington Soares, 1321 - Edson Queiroz. CEP 60811-905, Fortaleza-CE. *E-mail*: cjunior@unifor.br

Átila Montenegro é graduando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR –, bolsista de iniciação científica (PBICT/FUNCAP/UNIFOR) e membro da Rede Lusófona de Estudos da Felicidade – RELUS. Contacto: atilamontenegro@hotmail.com

Data de recebimento: 31/07/2007

Data de aceite: 10/10/2008